

APRESENTAÇÃO

EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

Profa. Dra. Felix (UFPB)

Apresentação

Em geral, a juventude é considerada como o período da vida humana que vai desde a adolescência (mudanças corporais, iniciação da vida sexual etc.) até a entrada no mercado de trabalho, independência da família, formação de um novo lar, autonomia econômica, entre outros fatores que representariam os elementos que definem a condição de pessoa adulta em nossa sociedade (MARGULLIS e URRESTI, 2008). No Brasil, o Estatuto da Juventude, aprovado em 2013, compreende os(as) jovens como aquela a parcela da população que se encontra entre os 15 e os 29 anos. Essa definição etária, contudo, não é suficiente para dar conta das diferentes possibilidades de viver a juventude. Em outros termos, o fenômeno que compreendemos como juventude não é vivenciado do mesmo modo por todos os/as jovens.

Além das definições baseadas em faixas etárias, os/as jovens também são usualmente definidos como “sujeitos do futuro”, pessoas em formação, em transição, em desenvolvimento. Essa forma de olhar fragiliza as possibilidades de perceber os/as jovens como “sujeitos do presente”, com escolhas e experimentações no “aqui e agora”. Nessa direção, produzimos imagens cotidianas de jovens como sujeitos do “vir a ser”, do transitório e a passagem para a “vida adulta” como algo que é preciso preparar desde já. Juarez Dayrell afirma que, “sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, o que ainda não chegou a ser, negando o presente vivido” (p. 156).

Compreendemos juventude como um fenômeno social atravessado por diferentes fatores, tais como: condições socioeconômicas, relações de gênero, sexualidade, religiosidade, raça/cor/etnia, processos de in/exclusão no âmbito das escolas e demais espaços educativos. Articulados ou não, tais fatores vão delineando diferentes jovens e diferentes juventudes. De acordo com Juarez Dayrell (2007, p. 158), a juventude “constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona”. Assim, é fundamental compreender e refletir sobre essas diferentes juventudes em suas interfaces com o campo da educação, considerando processos de escolarização, diversas aprendizagens, propostas e práticas pedagógicas voltadas aos e às jovens nos diversos espaços de socialização. Esse é o desafio deste dossiê: pensar nos/as diferentes jovens e nas diferentes juventudes com reflexões produzidas no campo da Educação.

No artigo *Violencias patriarcales en los entornos virtuales. Un estudio con adolescentes*, Trinidad Donoso-Vázquez, Maria Jose Rubio Hurtado e Ruth Vilà Baños analisam as violências patriarcais existentes nos ambientes virtuais, a partir de um estudo realizado com 155 adolescentes entre 12 e 16 anos da cidade de Barcelona, na Espanha. Os resultados da pesquisa apontam que a internet é um espaço generificado e que as agressões que ali acontecem são decorrentes das desigualdades de gênero. As autoras dão destaque ao fato de

que, em todos os indicadores investigados, os meninos pontuam muito mais alto do que as meninas nas agressões na internet especialmente nos itens que envolvem controle e posse, reproduzindo estereótipos machistas.

O artigo ***Homofobia e transfobia no cotidiano escolar: uma análise do Plano Estadual de Educação do Espírito Santo***, de autoria de Daniela Braga Araújo Zamprogno e Maria Regina Lopes Gomes, apresenta a síntese de um projeto de dissertação, em andamento, que aborda as violências homofóbica e transfóbica no ambiente escolar considerando a relação dessas violências com a retirada das questões de gênero e diversidade do Plano Estadual de Educação do Espírito Santo.

No texto ***Entre cineformação docente e o cinema como um corpo sensível: o que os jovens esperam da escola e de nós professores?*** Larissa Ferreira Rodrigues Gomes e Janete Magalhães Carvalho apresentam uma “composição de imagens e conversações tecidas junto a um grupo de professores [e professoras] de uma escola do município de Vitória”, Espírito Santo. As autoras problematizam, a partir de conversas com docentes, produzidas “pela intercessão entre as imagens cinema (virtuais) e as imagens escola (atuais)”, o que os jovens esperam da escola e de seus professores e professoras. O texto indica que as professoras afirmam “estar envoltas por discursos que tentam automatizar o pensamento a esperar alunos/as prontos/as e obedientes”. Por outro lado, os/as jovens se constituem pelo desejo de serem reconhecidos como sujeitos ativos dos diversos movimentos realizados na escola.

Sandra Alves da Silva Santiago, no texto ***Educação, escola e perspectiva de futuro: O que pensa a juventude?***, busca refletir sobre o discurso de 30 jovens, entre 15 e 30 anos, estudantes de ensino médio ou superior, sobre o papel da escola e da educação na construção de suas perspectivas de futuro. A autora apresenta e reflete sobre os conceitos de juventude e traz a fala de jovens sobre a escola e suas perspectivas de futuro. Para a autora, os resultados encontrados demonstraram que a juventude “acredita na educação, mas, questiona, principalmente, os aspectos didático-pedagógicos adotados nas práticas docentes, e apontam mudanças importantes neste quesito para que a escola cumpra seu papel social, não afastando a juventude dos seus sonhos e de suas perspectivas de futuro”.

No texto ***A juventude, o currículo e a gestão pedagógica na Educação de Jovens e Adultos***, Benedito Eugenio, Thiana do Eirado Sena de Souza e Maria de Cássia Passos Brandão Gonçalves apontam que o processo de juvenização da Educação de jovens e adultos tem sido cada vez maior nos sistema de educação no Brasil. Desse modo, visam “compreender como está sendo gestado o trabalho pedagógico para atender as especificidades de um público que teve acesso a escola, mas dela evadiu antes de concluir a educação básica e, que por motivos e razões diversas”, volta à escola. A pesquisa foi realizada em uma escola quilombola da rede estadual de ensino da Bahia e contou com a entrevista narrativa para a construção dos dados. Foram entrevistados 06 jovens da EJA juvenil e a coordenadora pedagógica. “As conclusões assinalam para a importância de a escola considerar, na gestão e organização curricular, as demandas dos jovens, bem como as questões geracionais presentes na EJA atualmente”.

Trajetórias de exclusão na construção social das identidades de jovens e adultos de autoria de Samira de Moraes Maia Viganó é um artigo que visa evidenciar quem foram os alunos e alunas que estiveram presentes no ProJovem Urbano/PJU do estado de Santa Catarina. A autora reflete sobre perfil sujeitos do PJU/SC como forma de contribuir com reflexões sobre as constituições identitárias dos/as educandos/as a partir dos critérios determinados pelas categoriais inseridas pela cultura dominante. A autora finaliza refletindo sobre modelos estereotipados que são propagados pela escola e apontando que os espaços de educação para jovens e adultos são cercados de marcas de gênero, raça e classe que transformam suas trajetórias de vida em processos excludentes.

No artigo *Os jovens e as escolhas no percurso da escolarização*, Fernanda Chaves dos Santos indica que a juventude é “atravessada por outros espaços sociais além da escola e da família, como grupo de amigos, internet, entre outros”. O texto parte do pressuposto “de que a entrada dos estudantes no ensino médio configura um momento importante em suas vidas, podendo também ser a primeira oportunidade de escolha profissional desses/as jovens”. Desse modo, o texto reflete sobre a passagem de estudantes entre o nono ano do ensino fundamental e o primeiro ano do ensino médio, buscando compreender como esse processo de transição é vivenciado pelos/as jovens.

Mariane Brito da Costa, no texto *Perfil dos jovens estudantes dos cursos superiores de alta seletividade*, busca revelar o perfil socioeconômico de jovens universitários de cursos reconhecidos como de prestígio social e altamente seletivos. A autora parte do princípio que “o conhecimento sobre a realidade social dos jovens de cursos superiores possibilita revelar a composição do público universitário, especialmente nas últimas décadas, em que políticas afirmativas de cotas raciais, sociais e outros programas têm possibilitado o acesso à universidade a uma população até então desconhecida dos bancos universitários”. A autora analisou os seguintes cursos: Comunicação Social/Publicidade, Direito, Engenharia Civil e Medicina.

No artigo *Ensino de língua inglesa e letramento crítico: uma experiência voltada para o engajamento dialógico e cidadão de adolescentes e jovens*, Angélica Araújo Maia, Maura Regina Dourado, Jonathan Feitosa Ferreira e Cleiton William da Conceição relatam “a experiência de um projeto de extensão voltado para o ensino de inglês para adolescentes e jovens, com foco na profissionalização e no letramento crítico, com o objetivo de evidenciar como a proposta curricular e metodológica do projeto constituiu-se um espaço de engajamento dialógico e de expansão de perspectiva dos participantes”. As autoras e autores defendem a transposição “da abordagem, desenvolvida em um espaço não escolar (organização não-governamental), para o contexto da escola, ampliando as possibilidades de uma aprendizagem da língua inglesa” que seja “capaz de empoderar os alunos no uso da linguagem”.

Permanência na educação superior: “um peso, duas medidas” é o título do texto de autoria de Rayana Andrade de Carvalho e Edineide Jezine Mesquita Araujo. Trata-se de um artigo oriundo da pesquisa intitulada *Aspectos subjetivos da condição de permanência dos estudantes de camadas populares do curso de Pedagogia - área de aprofundamento Educação do Campo – UFPB* e discute alguns dos desafios enfrentados por alunos e alunas no processo de permanência na universidade por meio da investigação das trajetórias individuais de jovens em situação de vulnerabilidade social. A partir da reflexão sobre a implementação das políticas de cotas nas universidades públicas as autoras realizaram entrevistas com estudantes do curso de Pedagogia. A pesquisa aponta que “além dos processos de implementação de políticas de inclusão social”, há também “formas de exclusão que ocorrem no interior da sala de aula”.

Os textos que integram este dossiê possuem distanciamentos e aproximações, com abordagens metodológicas e teóricas diferentes, em contextos diferentes e com focos diferentes. A linha que costura todos esses textos é a da diversidade de possibilidades de ver, analisar e vivenciar as juventudes. Consideramos que essa diversidade enriquece este Dossiê. Assim, antes de finalizar, gostaríamos de agradecer aos autores e autoras pelo envio dos artigos. Esperamos que a leitura seja proveitosa a todos os leitores e leitoras!

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina R. (Orgs.). Juventude e Contemporaneidade. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. (Coleção Educação para Todos; 16). pp.155-176.

MARGULLIS, Mario & URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura (org.). La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 2008. pp.13-30.